

## **A representação midiática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil a partir da série 'Segunda Chamada'**<sup>1</sup>

Carolina Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio  
Departamento de Comunicação Social – Bacharelado em Jornalismo

### **RESUMO**

Este artigo analisa a representação midiática da Educação de Jovens e Adultos, sob a ótica da série 'Segunda Chamada' da TV Globo. Neste sentido, pretende-se averiguar de que forma a EJA é tratada e retratada. Além disso, busca entender como a representação da EJA reverbera na comunidade escolar e como a teledramaturgia pauta o jornalismo. A pesquisa se desenvolve a partir de entrevistas em profundidade com alunos e professores, com uma das roteiristas da série, Carla Faour e com o jornalista de Educação do jornal O Globo, Bruno Alfano.

**Palavras-chave:** Teledramaturgia; Jornalismo; Representação; Educação de Jovens e Adultos; Segunda Chamada/TV Globo.

### **1. Introdução**

Quando o sinal toca na Escola Estadual Maria Carolina de Jesus muitas vidas se entrelaçam em busca de um só objetivo: concluir os estudos. Essa é uma cena presente em todos os episódios da série 'Segunda Chamada'<sup>2</sup>, da TV Globo, e também em muitas escolas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) espalhadas pelo Brasil. Lá os alunos querem estar na sala de aula por si mesmos acreditando em uma vida melhor, enxergando o professor como um exemplo a ser seguido e dispostos a superar qualquer barreira para concluírem os estudos.

Segundo os dados divulgados em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup>, o Brasil é o décimo país com o maior número de analfabetos no mundo, são 11,8 milhões pessoas nesta situação. Este artigo é parte de um trabalho de conclusão de curso e

<sup>1</sup> Artigo derivado de monografia de graduação em Jornalismo, orientada pela professora Lilian Saback e entregue em dezembro de 2020.

<sup>2</sup> Globoplay – 'Segunda Chamada' - <https://globoplay.globo.com/segunda-chamada/t/DYpvss7pz5/>

<sup>3</sup> "Acesso à educação ainda é desigual - Agência IBGE Notícias." 29 de outubro de 2018, <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22842-acesso-a-educacao-ainda-e-desigual>. Acesso em 22 Set. 2020.

analisa a representação - a partir do conceito de representação de Stuart Hall (2016) - da Educação de Jovens e Adultos na mídia e busca entender de que forma a teledramaturgia pauta o jornalismo tradicional. O conceito de Hall (2016) é a junção do sentido e da linguagem. Ou seja, "é a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo 'real' dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios" (HALL, 2016, p.34).

A metodologia foi desenvolvida em duas partes: primeiro com a realização de entrevistas em profundidade, que é uma técnica qualitativa em busca de informações a partir da experiência dos entrevistados para entender a representação da EJA na mídia (DUARTE, 2011). E por último com a análise de conteúdo que se baseia na investigação das temáticas partindo da experiência e da complexidade da mensagem (JÚNIOR, 2011).

Sob essa perspectiva, este artigo examina os episódios da série 'Segunda Chamada' com o intuito de discutir como os problemas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil são tratados pela narrativa da série. E por meio disso, destaca como é relevante que os veículos de comunicação deem ênfase nas questões educacionais brasileiras para que, de alguma forma, o Estado seja cobrado por melhorias, ressaltando que ter acesso a escola não garante o aprendizado e que a Educação ainda precisa transpor enormes barreiras triviais.

Da série, foi observada a primeira temporada, disponível no Globoplay, que é composta por 11 episódios com 40 minutos em média. As cenas que se passam dentro do ambiente escolar tiveram destaque. A formação dos personagens e o impacto da série na comunidade escolar também foram levados em consideração nesta pesquisa.

Uma entrevista com a roteirista de 'Segunda Chamada', Carla Faour, foi realizada com o objetivo de coletar informações sobre a pré-produção da série, sua importância e a repercussão no mercado audiovisual e na comunidade escolar. Além disso, foi relevante também, a realização de uma entrevista com uma estudante, Maria Isabela, e dois professores da Educação de Jovens e Adultos, Daiana Jardim e João Raphael Ramos, para saber em quais níveis eles se sentem representados na teledramaturgia e no jornalismo. O jornalista do jornal O Globo, Bruno Alfano, também foi ouvido para trazer sua experiência na cobertura da Educação no Brasil.

A pesquisa é dividida em três partes principais. Na primeira, temos o contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos. Na segunda, foi possível refletir sobre a EJA na teledramaturgia e como foi o processo de adaptação da vida real para a ficção em 'Segunda Chamada', assim como a construção dos personagens. Em seguida, foi avaliado de que forma a teledramaturgia pauta matérias no jornalismo tradicional e como o jornal impresso complementa a narrativa apresentada nas telas dos televisores brasileiros. Para isso foi necessário apresentar o conceito de *Agenda Setting* (MCCOMBS; SHAW, 1972) e a forma como ele é capaz de interferir nas pautas do jornalismo e da sociedade. E por fim, foi discutido a representação (HALL, 2016) na teledramaturgia e como ela foi recebida por alunos e professores.

## 2. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil

O artigo 205 da Constituição Brasileira de 1988 assegura que a Educação é um direito de todos e dever do Estado (BRASIL, 1988). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)<sup>4</sup>, do IBGE, o Brasil possui pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos que são analfabetas, ou seja, não sabem ler nem escrever. Além disso, há um percentual em que 41% das pessoas abaixo dos 25 anos não concluíram o Ensino Médio. A evasão escolar no Brasil não é somente alta, como está também estagnada. É um processo e não um evento, já que os estudantes não deixam a escola de repente (PIERI, 2018).

No artigo "Evasão e abandono escolar na Educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências", os educadores Raimundo Barbosa e Ronaldo Araújo (2017) explicam que é um enorme desafio manter os jovens na escola, e alguns motivos estão entre diversos fatores como o uso de drogas, o tempo na escola, falta de incentivo da família, localização da escola, necessidade de trabalhar e muitos outros que podem ser decisivos na hora de escolher abandonar ou não os estudos.

Os problemas na Educação brasileira se arrastam desde o Brasil Império (1822 – 1889). Foi em 1854 que surgiu a primeira escola de ensino noturno no país onde a Coroa Portuguesa

<sup>4</sup> Conheça a população - Educação 2019. IBGE." <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em 26 mar. 2020.

buscava alfabetizar os trabalhadores e indígenas com o intuito de explicar quais eram os seus direitos e deveres. Em 1874 já eram mais de 117 escolas espalhadas pelo país com objetivos políticos que atendessem a cada região do Brasil. A partir de 1887, com o início da transição do Brasil Império para o Brasil República, a Educação passou a ser tratada como um dos maiores problemas da nação. As discussões se intensificaram em 1910 quando foram criadas medidas para diminuir o número de analfabetos, já que estes não podiam votar (FRIEDRICH et.al, 2010).

Friedrich (2010) aponta que foi a partir da década de 1930 que a Educação de Jovens e Adultos começou a se destacar no cenário educacional do brasileiro, quando o governo criou o Plano Nacional de Educação (1934). O PNE estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, extensivo para adultos e gratuito como direito constitucional. Em 1945, a taxa de analfabetismo era de aproximadamente 50% da população, e a Educação passou a ser considerada um fator de segurança nacional, já que a crise econômica foi relacionada com a falta de Educação escolar do seu povo. No governo de Getúlio Vargas (1882 - 1954), a "Educação de adultos foi entendida como peça fundamental na elevação dos níveis de escolarização da população em seu conjunto, compreendendo este processo como fundamental para a elevação do nível cultural dos cidadãos" (FRIEDRICH et.al, 2010, p. 396).

No fim da década de 1950, a Educação de adultos ganha força com movimentos populares, como os sindicatos, que buscavam melhorias no projeto, já que havia um enorme preconceito com analfabetos, que eram vistos como incapazes de viver socialmente e "não tinham direitos econômicos, políticos e jurídicos, não tinham acesso ao voto e eram explorados no trabalho, pois não tinham conhecimento e cultura" (COLAVITTO; LUVIZOTTO, 2014, p. 4). Com esse movimento, um grupo de educadores de Pernambuco ganha notoriedade com as ideias de Paulo Freire.

Colavitto e Luvizotto (2014) explicam que para o pedagogo Paulo Freire "somente sabendo a realidade do mundo e da cultura em que vive é possível ir atrás de melhorias, sendo assim para obter transformações é preciso inserir-se na realidade em que se vive." (COLAVITTO; LUVIZOTTO, 2014, p. 6). Ou seja, a ideia dele era de que a escola tinha que ensinar o aluno a "ler o mundo". Paulo Freire foi uma referência na Educação de Jovens e Adultos, já que ele acreditava que o indivíduo deve ter uma alfabetização de maneira crítica e com diálogos.

Infelizmente, no começo das discussões sobre o analfabetismo, na década de 1960 com o Governo Militar muitos programas sociais se perderam, inclusive os voltados para a Educação, já que eram vistos como uma ameaça ao governo. Entretanto, em 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que, orientado pela proposta de Paulo Freire, previa o programa de alfabetização para todo o Brasil (COLAVITTO; LUVIZOTTO, 2014). Em 1967 surgiu o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização, como uma resposta do governo à intensa mobilização popular pelas reformas de base. O programa "centralizou as iniciativas, como órgão de concepção e de execução, restringindo o conceito de alfabetização à habilidade de aprender a ler e a escrever." (ALMEIDA; CORSO, 2015, p.1290). Todavia, não teve bons resultados e acabou sendo extinto apenas em 1985, já com o início da Nova República, dando lugar à Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, a Educar.

Com a Constituição de 1988, o Estado torna a Educação um direito de todos e de interesse público, e a partir daí a Educação Básica passou a ser oferecida também na EJA. Com o fim da Fundação Educar em 1990, a EJA se descentralizou sem muitos esforços para melhorias. Apenas em 2008, a EJA, passou a fazer parte das Leis das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e ficou reconhecida como de Direito Público (COLAVITTO; LUVIZOTTO, 2014).

Atualmente, a Educação de Jovens e Adultos é um projeto destinado às pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade adequada e não concluíram a Educação Básica, permitindo, então, que elas retomem os estudos de onde pararam. "Além disso, é o resgate de uma dívida social de herança colonial negativa, quando se preservou tangivelmente uma Educação que fortaleceu a desigualdade social" (ALMEIDA; CORSO, 2015, p.1284). Segundo a Unesco, órgão das Organização das Nações Unidas (ONU) para a Educação, a Ciência e a Cultura,

a Educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça (UNESCO, 1997, p.1 *apud* FRIEDRICH et.al, 2010).

### 3. Educação de Jovens e Adultos na teledramaturgia com a série 'Segunda Chamada'

As séries são um gênero televisivo que incorporam fatos políticos e sociais de repercussão nacional. São histórias contadas em temporadas, divididas em episódios sem um número exato, à medida que a história vai sendo conduzida a direção decide seus rumos. Surgiram na TV, mas posteriormente foram adaptadas para internet e as novas plataformas tecnológicas (AQUINO; SOUSA, 2017).

No Brasil, as produções passaram a ganhar mais destaque com as novas plataformas de *streaming*. As comunicólogas Maria de Lourdes Motter e Maria Cristina Palma Mungioli (2003) explicam que as séries se tornaram conhecidas por tratarem questões sociais com uma linguagem mais densa, e dessa forma, antecipar as mudanças de costumes. As autoras usam Borelli para explicar que a nação brasileira busca, por meio da ficção, um diálogo entre as diversas camadas que compõem a sociedade brasileira, e desta forma, a veiculação de imagens da realidade brasileira assume um tom de debate crítico sobre as narrativas em torno de fatos políticos, culturais e sociais.

Segundo Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2009), é na televisão que está implicada a reprodução de representações que perpetuam na sociedade, desta forma, há uma penetração intensa na sociedade brasileira já que as pessoas de diferentes classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões se posicionam e se reconhecem. Com tudo isso, o mercado televisivo e as mídias impressas alcançam as cinco regiões do país influenciando as relações sociais e forma que o indivíduo interpreta o mundo. É preciso que a comunicação tenha responsabilidade de ser um espaço de representatividade promovendo debates e a construção de novas narrativas (CASTRO et.al, 2019).

A Rede Globo de Televisão é maior e mais consolidada emissora do país, logo a que recebe a maior parte da audiência e da verba publicitária (MOREIRA, 2012). A emissora lançou no segundo semestre de 2019 a série 'Segunda Chamada', em que as temáticas da Educação Básica no Brasil atravessaram as fronteiras do jornalismo impresso e foram veiculadas na teledramaturgia. Mais precisamente, o ensino noturno da Educação de Jovens e Adultos.

A série 'Segunda Chamada', da Rede Globo, em coprodução com a O2 Filmes, exalta as histórias, carências e obstáculos constantes no dia-a-dia de educadores e de alunos do ensino

noturno da fictícia e paulistana Escola Estadual Carolina Maria de Jesus. Como apontado pelas roteiristas, Carla Faour e Julia Spadaccini, em diversas reportagens publicadas na grande mídia, a esperança na Educação é a protagonista da série. Os alunos, cada um com suas rotinas e dramas individuais, veem na Educação a chance de uma vida melhor. São pessoas que trabalham duro durante o dia e resolveram encarar de frente uma dupla jornada para estudar à noite (MARCHIONNI; CARVALHO, 2019).

'Segunda Chamada' mostra não só a importância da Educação, mas também, dos professores que tentam transformar a vida dos alunos para além da escola. Na trama, cinco educadores - o diretor Jaci (Paulo Gorgulho); a professora de Língua Portuguesa, Lúcia (Débora Bloch); a professora de História e Geografia, Sônia (Hermila Guedes); a de Matemática, Eliete (Thalita Carauta); e o de Artes, Marco André (Silvio Guindane) - resistem à evasão escolar, a infraestrutura inadequada e ao abandono institucional. Eles cumprem a vocação de ensinar a alunos de diferentes idades e perfis com o propósito de lutar contra as estatísticas e de mostrar para eles de que vale a pena resistir a tudo para ter acesso a Educação. Mas além disso tudo, seus dramas pessoais muitas vezes se entrelaçam com os acontecimentos na escola, fazendo com que seja um ambiente de esperança não só para os alunos, mas para os professores também (idem).

No elenco nomes como Carol Duarte, Felipe Simas, Mariana Nunes, Nanda Costa, Linn da Quebrada, José Dumont, Teca Pereira e José Trassi, entre muitos outros vivem os alunos de perfis variados - entre 17 e 70 anos. A vida de cada estudante levanta uma questão social diferente. Gislane (Mariana Nunes) é uma mãe solteira que trabalha como garota de programa para sustentar a família, mas sonha em ser médica. Há ainda Dona Jurema (Teca Pereira) que representa uma parcela de alunos da terceira idade que ainda sonham em concluir os estudos. Outro personagem relevante é Sílvio (José Dumont) que escolheu ser morador de rua para estudar, já que sua casa é longe e ele não possui dinheiro para o transporte público até a escola (MARCHIONNI; CARVALHO, 2019).

A primeira temporada de 'Segunda Chamada' possui 11 episódios e foi escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini com a colaboração de Maíra Motta, Giovana Moraes e Victor Atherino. A direção artística é de Joana Jabace e a direção geral de Breno Moreira, João Gomes e Ricardo Spencer. Essa foi a primeira vez que a Educação de Jovens e Adultos ganhou espaço em uma série exibida em rede nacional (MARCHIONNI; CARVALHO, 2019). A série já faturou dois

prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), de Melhor Série e Melhor Atriz para a protagonista Débora Bloch.<sup>5</sup>

A obra é muito mais do que um entretenimento, é um retrato das adversidades do ensino público no Brasil do ponto de vista dos alunos e dos professores<sup>6</sup>. A escola retratada facilmente poderia ser confundida com muitas escolas espalhadas pelo país, onde, segundo o Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)<sup>7</sup>, cerca de 3,3 milhões de pessoas tentaram ter acesso a Educação básica em 2019.

### 3.1 A adaptação da vida real para a ficção

Antes de tudo é necessário apresentar o conceito de "poder simbólico" de Bourdieu (1989). Para o autor, os símbolos funcionam como um elemento de integração social que com instrumentos de conhecimento e de comunicação asseguram um consenso sobre o sentido do mundo social. "O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica<sup>8</sup>: o sentido imediato do mundo" (BOURDIEU, 1989, p. 9).

Um produto audiovisual possibilita a sensação no espectador de que o que é mostrado é real. Segundo a comunicadora Sara Feitosa (2008), é com a verossimilhança que o efeito real surge na teledramaturgia. A autora usa Umberto Eco (1991) para mostrar que as emoções em uma obra ficcional são um efeito de um enredo bem armado. Além disso, ela discute sobre uma "narrativização" da sociedade na teledramaturgia ao expor que experiências vividas em situações do cotidiano são um espaço aberto de produção e de histórias (FEITOSA, 2008).

Vardiero e Guerra (2015) explicam que parte da programação televisiva tem como função entreter a população e, conseqüentemente, o programa procura uma identificação do público, isso pode ser notado pela maneira como a vida real é retratada. "Sendo assim, busca também,

<sup>5</sup> Filme "Bacurau" e série "Segunda Chamada" são destaques da APCA 2019. Disponível em <https://telaviva.com.br/10/12/2019/filme-bacurau-e-serie-segunda-chamada-sao-destaques-da-apca-2019/>

<sup>6</sup> Série ambientada em escola pública retrata a realidade do ensino noturno no Brasil. Hypeness, 2019. Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2019/09/escola-abandonada-de-sp-e-cenario-para-serie-sobre-descaso-no-sistema-publico-de-ensino/>. Acesso em 26 Mar. 2020.

<sup>7</sup> INEP. Matrículas na educação de jovens e adultos caem; 3,3 milhões de estudantes na EJA em 2019. Disponível em [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai-3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai-3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206). Acesso em 5 Jun. 2020.

<sup>8</sup> Gnosiológico: que se refere à teoria do conhecimento humano. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gnosiologico/>. Acesso em 5 Out. 2020



tornar a realidade popular menos distante daquela que é representada na tela da televisão” (VARDIERO; GUERRA, 2015, p.6). Os autores explicam ainda que a teledramaturgia consegue criar vínculos entre a realidade e a ficção já que pode transitar no campo social de cada indivíduo. Desta forma, deixa de ser apenas um entretenimento e passa a ter um ‘poder simbólico’ com o público que o assiste. Assim, a teledramaturgia é um agente do poder simbólico quando seu enredo alcança um lugar comum com os telespectadores.

A roteirista finlandesa Tarja Jylmä<sup>9</sup> contou - em um bate-papo promovido pelo Sesc Digital em 2020<sup>10</sup> - como ela faz a adaptação de histórias da vida real para personagens fictícios e como torna os personagens convincentes. Um questionamento que Jylmä (2020) levantou em sua palestra foi o porquê seria interessante produzir dramas baseados em fatos reais e qual atração isso tem. Para a roteirista, “em eventos reais há uma possibilidade de debate público e inspiração.”<sup>11</sup> Ela completou ainda que o poder do drama vem da sensação forte do presente, do roteirista e do público estando lá enquanto acontecem as revelações dos próprios personagens. Ela explica que o maior desafio ético nas histórias contadas em sua última produção ‘Heróis Invisíveis’ (2019) era como entrar nas vidas reais e possivelmente afetá-las ao trazer suas vidas privadas a público com enredos diferentes.

Carla Faour é uma das roteiristas e idealizadoras da série ‘Segunda Chamada’. Em entrevista à autora, ela conta que recebeu a missão de escrever uma série sobre Educação, porém, logo percebeu que o tema era muito amplo e que seria necessário focar em apenas um segmento. Foi notado pelas autoras, então, que a Educação de Jovens e Adultos era o ‘patinho feio’ do sistema educacional brasileiro. Faour explica que a EJA ‘não é bem vista’ por dois motivos: os alunos que estão voltando pela segunda ou terceira vez para escola e o Estado já tinha os abandonado; e por conta dos professores, já que dar aulas na EJA não é tão valorizado, ainda que os educadores também enfrentem uma dupla jornada de trabalho como os alunos.

Faour também destaca a dificuldade em encontrar bibliografia e fontes de pesquisa para criar a série, e que devido a isso foi preciso ir as escolas realizar entrevistas para colher material.

<sup>9</sup> Tarja Jylmä é uma roteirista finlandesa, formada pela ELO Film School Finland com uma tese sobre construção de personagens. É roteirista da série ‘Heróis Invisíveis’ (2019).

<sup>10</sup> SESC digital. Adaptação da vida real para o drama ficcional. 2020. Disponível em: <https://sesc.digital/conteudo/cinema-e-video/55743/adaptacao-da-vida-real-para-o-drama-ficcional> Acesso em 5 Out. 2020

<sup>11</sup> Tradução livre de: “In true events, there’s a real possibility of public debate and inspiration.”

Segundo ela, encontrar esse recorte e entender sua importância foi decisivo na hora de escolher falar sobre esse “lugar que ninguém vai” da Educação. Para Carla, a série retrata um problema histórico brasileiro que é a dificuldade do Estado em colocar a Educação como prioridade a longo prazo no país. A trama mostra a escola a deriva, ‘segurando em sua própria boia para não naufragar’, e mostra a quase falência do sistema educacional brasileiro. “Nesse sentido a escola é um reflexo da nossa sociedade, é um microcosmo dessa camada mais vulnerável da população” (FAOUR, 2020, em entrevista concedida à autora por Zoom, em 9 de setembro de 2020).

A professora da EJA, Daiana Jardim, ressaltou em sua entrevista que a dramaturgia usou de recursos que foram um pouco exagerados, em sua opinião, mas entende que eram necessários para contar a história da série. Segundo ela tem dias que acontece de tudo em sua escola, como é mostrado em ‘Segunda Chamada’, mas há outros que são mais tranquilos. Entretanto, Jardim acredita que a série retratou muito bem a escola sucateada, a escola do EJA, a escola afetiva como um oásis na vida de muitos estudantes.

Já para o professor João Raphael Ramos foi possível perceber a verossimilhança em ‘Segunda Chamada’ quando ele entendeu os que educadores retratados ali tinham problemas reais que se aproximavam muito do trabalho dele. Ramos resalta também que a série passa claramente a ideia cotidiana da escola e mostra que o estudante da EJA não é regular, que traz diversos problemas para a sala de aula e que muitas vezes está sujeito a uma competição entre o tempo de estudo e o tempo de trabalho que é necessário para que ele se sustente e sustente suas famílias. Para ele outra questão que a série traz é a da afetividade, que é essencial para que o estudante se sinta pertencente àquele espaço da sala de aula.

### **3.1.1 A construção dos personagens**

Voltando às reflexões de Tarja Jylmä (2020), outra pergunta recorrente que a roteirista se faz quando precisa adaptar histórias reais para a ficção é: “Como encontrar sua própria voz, sua escolha de personagens fictícios em um mundo de pessoas reais?”<sup>12</sup>. E ela responde que tudo começa com uma boa pesquisa, muita leitura e entrevistas, além de fontes confiáveis, já que fatos podem virar emoção quando inseridos na história. “Personagens fictícios se parecem muito com pessoas reais, mas não são. Eles podem ter segredos especiais, podem

<sup>12</sup> Tradução livre de: “How do you find your own voice, your choice of fictional characters in a world of real people?”

ser imprevisíveis e podem ter um poder poético especial e uma sabedoria que só personagens de contos de fadas têm.”<sup>13</sup>

Carla Faour conta que o trabalho de pesquisa foi grande e trabalhoso. Foi preciso buscar muitas histórias de alunos e professores para que os perfis dos personagens fossem montados. Não há nenhum perfil real por completo, as roteiristas foram reunindo características que serviram de base para contar a história. Faour explica que elas já tinham uma ideia de alguns personagens, como é o caso da protagonista Lúcia (Debora Bloch) que se envolve com a vida pessoal dos alunos e a partir disso comete muitos acertos, mas erros também. “Era muito interessante para gente também abordar os erros dos professores que não são super-heróis embora tenham atitudes heroicas. Mas eles não são perfeitos, são humanos e às vezes querendo acertar acabam errando” (FAOUR, 2020, em entrevista concedida à autora por Zoom, em 9 de setembro de 2020).

Vardiero e Guerra (2015) usam Muniz Sodré (1988) para mostrar como a teledramaturgia é um espelho da realidade, e é capaz de incorporar fatos e situações recorrentes. Isso se faz por meio de parâmetros morais da instituição familiar e com determinados sentimentos, tendências e costumes já existentes na sociedade.

Daiana Jardim lembra que já passou por diversas situações em sua classe, como um aluno que ‘recebeu uma entidade’<sup>14</sup> durante a aula. Além disso, muitos de seus alunos reconhecem que existem acontecimentos que ‘se contar ninguém acredita’, e visualizaram nos episódios de ‘Segunda Chamada’ algumas situações bastante parecidas. A professora relatou que viveu uma experiência muito bonita durante um dos anos letivos. Certa vez uma estudante chamada Suellen entrou na sala e perguntou se Daiana poderia chamá-la de “Will” a partir daquele momento. Assim como a professora, o restante da classe foi muito receptiva e acolhedora ao pedido de Will.

Caso com o mesmo tema acontece logo no primeiro episódio da série “Segunda Chamada” só que ao invés de receber o imediato apoio dos colegas de classe Natasha<sup>15</sup>, personagem de

<sup>13</sup> JYLMÃ, 2020, em bate-papo online promovido pelo Sesc Digital, em 2020. Tradução livre de: “Fictional characters look a lot like real people, but they are not. They can have special secrets, they can be unpredictable and have a special poetic power and wisdom that only fairy tale characters do.”

<sup>14</sup> Termo usado pela entrevistada.

<sup>15</sup> Natasha (Linn da Quebrada) – Travesti, trava uma batalha contra a intolerância e a discriminação dos colegas.

Linn da Quebrada, é travesti e sofre quando decide usar o banheiro feminino da Escola sendo barrada por uma colega de classe. Só depois de muitas discussões e a intervenção da professora Lúcia (Debora Bloch), Natasha conquista o direito de usar o banheiro feminino, mas continua tendo que lutar por liberdade de identidade.

Outro exemplo, é a personagem de Teca Pereira, Dona Jurema<sup>16</sup>, é uma senhora que está matriculada no ensino noturno do Colégio Estadual Maria Carolina de Jesus e representa a parcela de alunos da terceira idade. Ela tem dificuldade de aprendizagem e repete, constantemente, que não consegue entender a matéria. O professor João Raphael Ramos lembrou da personagem em sua entrevista e ressaltou que é muito comum alunos mais velhos, que passaram 30 ou 40 anos sem estudar, estarem resgatando os estudos e sentirem inseguros quanto sua capacidade de aprender.

#### **4. A teledramaturgia como jornalismo: o encontro entre a ficção e o jornalismo factual**

É um grande desafio compreender a teledramaturgia como um fenômeno capaz de mobilizar milhões de espectadores e como ela sugere temas que possam ser tratados em questões pelo jornalismo tradicional, ou vice versa, que são do interesse coletivo (MOTTER, 2003).

Para entender este movimento é necessário apresentar a teoria do *Agenda Setting*, em português agendamento, do jornalista Maxwell McCombs e do cientista social Donald Shaw, – formulada a partir do caso Wategatte, nas eleições presidenciais estadunidenses de 1972 – que mostra que os assuntos selecionados pela mídia a serem veiculados levam o público a presumir que certos temas ou eventos são mais importantes do que outros. Sendo assim, fica ilustrada a causalidade da mídia na opinião pública, ou seja, o papel dela como enfatizadora de acontecimentos e temas que repercutem nas diversas camadas da sociedade e torna-os igualmente importantes para o público. Um assunto na opinião pública fica determinado, então, pela intensidade noticiosa com que a mídia divulga (MCCOMBS; SHAW, 1972).

O conceito de McCombs e Shaw é aplicado ao jornalismo, mas ele é relacionado à teledramaturgia em diversas pesquisas. Motter (2003), em seu estudo sobre a

<sup>16</sup> Dona Jurema (Teca Pereira) – Aluna da terceira idade. Católica fervorosa, mente para o marido dizendo ir à igreja todas as noites quando, na verdade, vai para a escola.

teledramaturgia brasileira, usa a teoria do agendamento para pensar o audiovisual com o intuito de desvendar o papel das produções ficcionais em pautas jornalísticas. Deve-se ressaltar que as temáticas sociais, quando exibidas nas narrativas ficcionais, seja por meio do gênero dramático ou pelo gênero cômico, buscam testemunhar uma situação vigente. Ou seja, na teledramaturgia o agendamento é identificado pela inserção de temas do cotidiano fazendo com que a obra "dialogue com o real, numa dinâmica em que o autor colhe, a partir de suas inquietações, aspectos da realidade a serem tematizados ou tratados como questões de importância em sua ficção" (MOTTER, 2003, p. 3).

É nesse contexto que Mauro Wolf (2001) diz que quando os meios de comunicação apresentam ao público uma lista de informações ou temas determinados seu objetivo é agendar sobre o que é necessário ter uma opinião e discutir. Com isso, a teledramaturgia tende a influenciar o modo como a população organiza sua ideia de mundo, uma vez que pode não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas conseguem ditar sobre o que pensar.

A roteirista Carla Faour conta que a série 'Segunda Chamada' foi uma produção encomendada pela TV Globo e que durante o processo de criação apenas pediram uma série com o tema 'Educação', o recorte foi dado pelas roteiristas que tiveram livre arbítrio nas escolhas para a obra. Faour acredita que a série 'Segunda Chamada' cumpre um papel social, mas afirma que a ficção não tem o compromisso de ser fiel à realidade e a liberdade de criação precisa ser respeitada. Para ela são raros os momentos em que a teledramaturgia consegue aliar o entretenimento às causas sociais e é legítimo que as obras ficcionais consigam propor algum tipo de reflexão e discussão na sociedade.

Já o jornalista do jornal o Globo, Bruno Alfano, acredita que a série cria uma visibilidade para a EJA "fazendo com que o tema fique mais popular e que as pessoas pressionem mais para que falem dela". Ele diz que a teledramaturgia e o jornalismo se complementam, a primeira é um papel de construção da cultura, de mostrar o que acontece na rotina das escolas de EJA. Já ao jornalismo mostra o porquê de o que está sendo mostrado na tela ser daquela forma.

## 5. A representação da EJA na série

No livro 'Cultura e Representação' de Stuart Hall (2016), o autor apresenta o conceito de "representação" como sendo a soma do sentido mais a linguagem. Ou seja, "é a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referir ao mundo 'real' dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios" (2016, p.34). Assim, o autor aponta dois processos de representação: o primeiro ligado à produção de sentido, e o segundo relacionado à linguagem.

No primeiro sistema, Hall (2016) apresenta como "um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos" que são relacionados a ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos. Sendo, assim, está relacionado com a nossa capacidade de produzir e manter um sistema conceitual mental que nos permita ter um olhar crítico para o mundo assimilando coisas, podendo construir uma cultura de sentidos compartilhada. Já o segundo sistema tem a linguagem envolvida no processo de construção de sentido dos signos e como eles se organizam. Ela indica conceitos que carregamos na mente, e que juntos constroem sistemas de significados. Para o autor, tudo que é capaz de carregar e expressar sentido, se organizado sistematicamente, é uma linguagem. 'A relação entre "coisas", conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de "representação"'. (HALL, 2016, p. 38)

Contudo, nos alerta Hall em seu outro estudo sobre as representações, "os signos visuais e as imagens, mesmo aquelas que tem estreita semelhança com as coisas as quais se referem, são signos: portam sentido e, portanto, devem ser interpretados" (HALL, 2016, p. 39). Para o autor, os signos visuais são aqueles 'icônicos'. Ou seja, eles carregam, em suas formas, uma certa semelhança com o objeto, pessoa ou evento ao qual fazem referência. O sentido, portanto, não nasce com o signo, é incorporado a ele. Hall aponta também que "se o sentido é o resultado não de algo fixo na natureza, mas de nossas convenções sociais, culturais e linguísticas, então o sentido não pode nunca ser finalmente fixado [...] Convenções sociais e linguísticas mudam, sim, através do tempo" (HALL, 2016, p. 46).

A série 'Segunda Chamada' mostra uma escola que é pautada pela diversidade de gênero, de religião e de geografia, mas que possui uma coisa em comum: a desigualdade social. Os

alunos, são pessoas que estavam à margem do sistema e que não conseguiram completar o ensino básico como muitos brasileiros. Uma característica forte nos alunos da EJA é a baixa autoestima. Eles se sentem incapazes de aprender, quando na realidade não tiveram a oportunidade de frequentar os estudos. Segundo a roteirista Carla Faour o intuito da série era levar representatividade para a comunidade escolar da EJA.

Algumas retratações representam bem a realidade da EJA no Brasil. Paredes pichadas, corredores escuros por falta de lâmpadas, ventiladores quebrados, a fachada desgastada, o banheiro sujo, marcas de tiros nas paredes e muitas outras coisas deixam claro a falta de investimentos na Educação de Jovens e Adultos em 'Segunda Chamada'. No terceiro episódio da série, a cidade de São Paulo está de baixo de uma forte chuva. A escola, com toda sua infraestrutura precária acabada alagada por conta das diversas goteiras espalhadas pelo teto das salas de aula. Na sala da professora Lucia (Debora Bloch), os alunos usam panos, rodos e baldes para secar o chão e as carteiras antes da aula começar. O professor de artes André acaba ficando sem sala para dar aula, já que o Diretor Jaci acha que o conteúdo de história é mais relevante que o de artes e pede que ele ceda a sala para a professora Sônia (Hermila Guedes) que também está com problemas com as goteiras. Não demora muito e ela passa a enfrentar o mesmo problema na nova sala que o diretor conseguiu.

As representações na série se enquadram nos sistemas de representação de Hall (2010), já que está relacionado a ordem dos objetos e ao conjunto de conceitos que carregamos que nos permite assimilar coisas a signos e códigos linguísticos de uma cultura compartilhada. Um exemplo, são os planos referentes as goteiras na escola. A série mostra o plano em que uma aluna seca a sala de aula com panos e baldes e em seguida temos no primeiro plano o personagem Silvio com uma capa de chuva e no plano posterior os outros alunos dividindo guarda-chuvas. Essas imagens imediatamente nos remetem a chuva, água e ao molhado, e por estarem ambientadas dentro de um ambiente fechado, a goteiras.

Outro momento é quando a série mostra o enquadramento dos professores Sonia e Marco André olhando para uma parede com furos, Logo assimilamos os furos na parede aos tiros, e posteriormente a áreas de tiroteio que é exatamente o local onde a Escola Estadual Carolina Maria de Jesus está localizada na série. O mesmo acontece na cena do primeiro episódio em que Lucia e Marco André estão andando no corredor com uma luz piscando devido a um curto elétrico, o telespectador imediatamente entende que a lâmpada está com defeito. Quando o

plano fecha nos dois dentro da escola este sentido é confirmado pela explicação da professora de que a luz teria queimado há um mês.

Desta forma, é importante lembrar que para Pierre Bordieu (1989), os símbolos funcionam como um elemento de integração social que com instrumentos de conhecimento e de comunicação que asseguram um consenso sobre o sentido do mundo social. A professora Daiana Jardim teve um olhar crítico sobre a série ao identificar que a produção cumpriu o objetivo de trazer muito do que se vive em uma escola de EJA. Quando perguntada sobre como se sentiu ao assistir “Segunda Chamada”, Daiana conta que se sentiu vista. E que o professor ganhou um lugar que era buscado há muito tempo de poder contar a sua realidade. Além de vista, na entrevista Daiana conta que se sentiu ouvida. A aluna Maria Isabela também se sentiu representada pela produção e explicou que foi uma forma de o ‘entretenimento falar pelas pessoas que não podem falar por si’.

## **6. Considerações Finais**

Este artigo parte do pensamento de que a Educação de Jovens e Adultos é inviabilizada pela mídia tradicional. Entretanto, mostra como a teledramaturgia evidencia os problemas da EJA e faz uma representação próxima da realidade. Assim, a luz da pesquisa nos direciona, também, para a forma como a teledramaturgia pauta a mídia impressa quando aborda temas de relevância pública.

A EJA surge a partir de uma dívida histórica que se arrasta desde o Brasil Império em que a população não tem direito a Educação e quando tem é apenas para que possa votar a mercê do Estado. Até hoje essa dívida aumenta devido a ausência de apoio econômico e de oportunidades, que deveriam ser oferecidos principalmente pelo governo. Desta forma a EJA não depende da mídia apenas para que sejam cobrados mais investimentos e melhorias. É necessário, também, que a população tome conhecimento de que o programa existe e de que é possível terminar os estudos em qualquer momento da vida.

A Educação de Jovens e Adultos ganhou espaço na teledramaturgia com uma produção rica em detalhes e em verossimilhança que teve uma enorme repercussão na TV aberta por parte de um público que não tinha nenhum conhecimento sobre o que se passava dentro das escolas



da EJA. Como vimos, a repercussão foi ainda maior com os telespectadores que se sentiram representados como a aluna Maria Isabela Silva, que conta que não apenas se identificou na série como viu características de seus colegas de classe. E os professores apresentados nas entrevistas em profundidade, João Raphael - que mostra o quanto a EJA é esquecida pelo Estado e pela mídia, deixando claro o quanto a série significou para a modalidade. E Daiana Jardim, que se sentiu vista ao assistir a série e pode ser facilmente comparada com a protagonista Lucia, personagem de Debora Bloch, quando ela relata as histórias de emoção e carinho que já passou com seus alunos.

Apesar das pautas geradas pela série 'Segunda Chamada' a cobertura jornalística ainda é insuficiente e é necessário que os temas da EJA tenham um espaço próprio e garantido, sempre que possível, nas páginas de jornais, de circulação livre, de todo o país e não, apenas, em veículos que são segmentados para o tema da Educação. Assim, será possível perceber que a modalidade é tão relevante quanto o Ensino Regular para a sociedade.

Também é importante que haja estudos sobre as coberturas jornalísticas e produções audiovisuais pautadas na Educação, bem como uma análise dos possíveis impactos das reportagens e narrativas no âmbito educacional. Desta forma, este trabalho mostra o quanto é relevante que a mídia reforce o discurso de que a Educação não é um privilégio, mas, assim como diz a Constituição Nacional<sup>17</sup>, um direito.

## 7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Adriana CORSO, Ângela. A Educação de Jovens e Adultos: Aspectos históricos e sociais. PUC PR, 2015. Disponível em <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753\\_10167.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf)> Acesso em 15/04/2020.

AQUINO, Juliana, SOUSA, Ingrid (ed.). A construção da identidade nas séries de TV: uma análise da repercussão de 13 Reasons Why. Intercom – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares de Comunicação. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na região Nordeste. Fortaleza, 2017. Disponível em

<sup>17</sup> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

<<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0867-1.pdf>>. Acesso em 04/05/2020.

BARBOSA, Raimundo; ARAÚJO, Ronaldo. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. Educação por Escrito. Porto Alegre v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: 5 mai. 2020.

BRASIL. Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: < <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simbolico.pdf> >. Acesso em 05/10/2020

CASTRO, Ana Paula, et al. Representatividade na TV: análise da cobertura dos principais telejornais da televisão pública e privada. 2019. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Goiânia, Goiás. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0703-1.pdf>>. Acesso em 06/05/2020.

COLAVITTO, Nathalia. LUVIZOTTO, Aparecida. A Educação de Jovens e Adultos (EJA): a importância da alfabetização. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5, 2014. Disponível em <[http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes\\_pdf/educacao/v5\\_n1\\_2014/Nathalia.pdf](http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Nathalia.pdf)>. Acesso em 09/04/2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2011.

FANTINATTI, Maria. O que se vê na TV: análise do fluxo da programação da Rede Globo. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/5022/1/Maria%20Silvia%20Fantinatti.pdf>> Acesso em 05/05/2020.

FEITOSA, Sara. Como a teledramaturgia conta a História: Realidade e ficção na reconstituição de uma época na minissérie JK. 2008. Disponível em: <<http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Sara%20Feitosa.pdf>>. Acesso em 05/10/2020

FRIEDRICH, M. et al. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. Ensaio: aval. pol. públ. educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, jun 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867.pdf>> . Acesso em 05/05/2020.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. 2016. Disponível em <<https://tonaniblog.files.wordpress.com/2018/08/cultura-e-representac3a7c3a3o.pdf>> . Acesso em 26/04/2020.

JÚNIOR, Wilson. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Telenovela como recurso comunicativo. 3ª ed, p. 21-48. São Paulo: Matrizes, Universidade de São Paulo. 2009. Disponível em <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012785002>> Acesso em 01/05/2020.

MARCHIONNI, Ludmilla, CARVALHO, Eduarda. Segunda Chamada. TV Globo, 2019. Disponível em <https://imprensa.globo.com/programas/segunda-chamada/fotos/>. Acesso em 26/04/2020.

MCCOMBS, Maxwell, SHAW, Donald. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. Oxford University Press, 1972.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOREIRA, Diego. G. "A gente se liga em você": reconfigurações da TV Globo em um cenário de convergência midiática. Galaxia. São Paulo, 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/7012>> Acesso em 05/05/2020.

MOTTER, Maria Lourdes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. Revista USP, São Paulo, n. 76, p. 157-166, 2007/2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n76/15.pdf>> . Acesso em 05/05/2020.

MOTTER, Maria Lourdes. Ficção e realidade - Telenovela: um fazer brasileiro. São Paulo: Comunicação & Cultura, 2003. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93c8672e358352c456d8bd0baff3130c.pdf>> Acesso em 04/05/2020.

PIERI, Renan. Retratos da Educação no Brasil. São Paulo: Insper, 2018. Disponível em <<https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Retratos-Educacao-Brasil.pdf>> Acesso em 05/05/2020

VARDIERO, Talison. GUERRA, Márcio. Teledramaturgia Global: produção de poder simbólico por meio do entretenimento. Intercom – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares de Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1585-1.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Ed. 6. Lisboa: Ed. Presença, 2001. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/xe0vx5v>>. Acesso em 19 nov. 2020.